

HELENA CHAGAS



de Brasília

Tiro no pé ²³⁵

• Se Mendonça de Barros tivesse ficado quietinho no seu canto, nada disso teria acontecido. Era o que diziam ontem pefelistas, peemedebistas e até alguns tucanos. Aparentemente unidos no argumento de que não há, nas fitas divulgadas pela "Folha de S.Paulo", nada que comprometa Fernando Henrique, os líderes aliados deixavam claro nas entrelinhas que pode se tratar de mais um episódio em que o Governo deu um tiro no próprio pé.

A preocupação em apagar o incêndio, evitando uma CPI para investigar a privatização da Telebrás, dominou o dia dos aliados. Mas alguém no PMDB lembrou que, na semana passada, enquanto os pefelistas batiam boca com Mendonça de Barros por conta de sua agressividade desenvolvimentista, o líder Inocêncio Oliveira disse, assim como quem não quer nada, que ainda restavam algumas fitas do grampo do BNDES não divulgadas.

Ontem, Inocêncio jurava que nada sabia sobre fita alguma. Falou por acaso. Conhecido por sua correção nos acordos e pelo respeito à palavra empenhada, o líder merece crédito. Mas a coincidência do segundo vazamento das fitas com a ofensiva do PSDB e de Mendonça de Barros deixou muita gente desconfiada e vai servir para acirrar o clima de guerra instalado na base.

A prioridade do Planalto e dos governistas ontem era apagar o incêndio. Ou seja, evitar a CPI e maiores desdobramentos. Recolher e tentar colar os cacos do que sobrou é tarefa para depois de afastado o perigo. Mas, ao final da tarde de ontem, já se colhia, entre caciques da base governista, algumas conclusões:

1. Desgaste — Ainda que não se tenha CPI alguma e que não vaze mais fita nenhuma, Fernando Henrique não escapa do desgaste. Por mais que se afirme que, nos diálogos, não há nada mostrando que o presidente da República teria agido de má-fé e que as conversas tinham o objetivo maior de vender bem o sistema Telebrás, não se sabe como o episódio vai passar para a opinião pública. Há um mandamento claro da política que não se cansa de ser repetido pelos mais experientes: se tem que explicar, já é ruim. Ainda mais porque, em tese, o mesmo tipo de conversa foi suficiente para tirar do Governo um ministro das Comunicações e um presidente do BNDES.

2. CPI da Privatização — Não deve ser instalada. A reação dos líderes do Governo e da base aliada foi rápida. Os presidentes do Senado, Antônio Carlos Magalhães, e da Câmara, Michel Temer, mantiveram o discurso de magistrados afirmando que, obedecidas as condições regimentais, poderia haver CPI. Mas deixaram claro, cada um com seu estilo, que são contrários à iniciativa. Donos das maiores bancadas, Inocêncio Oliveira e o líder do PMDB, Geddel Vieira Lima, trataram de passar adiante a orientação: não é para assinar requerimento algum.

Segurança, porém, só em

mais um ou dois dias, quando a poeira assentar e for possível medir o tamanho do estrago nas ruas. É isso que vai determinar o comportamento das bases.

3. Desenvolvimentismo — É, possivelmente, uma expressão que vai entrar em baixa a partir de agora. A divulgação das novas conversas reavivou o episódio que tirou do Governo Mendonça de Barros, o principal mentor desta corrente no PSDB. Nisso tudo, o partido do presidente — que sempre exibiu o patrimônio moral como um de seus principais bens — é o principal atingido. Enfraquecido, terá de arquivar, mais uma vez, seus projetos de mudar os rumos da economia e de assumir seu comando.

4. Dependência da aliança — Se FH já reconhecia não poder governar sem a aliança com o PFL e o PMDB, agora menos ainda. Só que o equilíbrio de forças dentro da base vai mudar e pender a favor desses dois partidos. Afinal, se não houver CPI e nem maiores percalços, o presidente vai ficar devendo essa ao PFL e ao PMDB. A fatura, todos sabem, vem mais cedo ou mais tarde.

5. Tiroteio — A desagregação da base governista tende a piorar mais e mais. Ainda que jamais fique claro se houve ou não o dedo de adversários políticos dos tucanos no vazamento das fitas, o PSDB vai alimentar desejo de vingança. Num primeiro momento, vai baixar o tom e fingir que está tudo bem. Mas o relacionamento vai ficar insustentável.

6. Paralisação — O primeiro efeito do episódio foi a paralisação de quase tudo ontem no Congresso. Só se falava nas fitas, a oposição se revezava na tribuna para atacar e o Governo para defender. Ainda que o episódio FH-grampo pare por aí, é possível prever que vai fazer muita espuma nos próximos dias. Votar vai ser complicado.

Difícil não lembrar que, há uma semana, Câmara e Senado também pararam por conta de outra denúncia completamente inesperada, a do falso Diário Oficial que publicou o contrato com Elba Ramalho. Impossível também ignorar que, responsável ou não, o Governo vem se movendo nos últimos tempos em meio a uma agenda de escândalos.

Até hoje, Fernando Henrique saiu ileso das denúncias que atravessaram seu Governo. O que vai se ver agora é se, com a popularidade em baixa, continuará fazendo jus ao título de presidente teflon — aquele em quem nada gruda — ou se vai cair na frigideira do segundo mandato.